



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

GERLANE CRUZ NUNES

FORMAÇÃO DE LEITORES NO ESPAÇO
ESCOLAR: aplicabilidade e práticas no ensino fundamental

Guarabira - PB
2014

GERLANE CRUZ NUNES

**FORMAÇÃO DE LEITORES NO ESPAÇO ESCOLAR:
aplicabilidade e práticas no ensino fundamental**

Monografia apresentada ao **Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares** da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau especialista.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosilda Alves Bezerra

Guarabira - PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N972f Nunes, Gerlane Cruz

Formação de leitores no espaço escolar [manuscrito] :
aplicabilidade e práticas no ensino fundamental / Gerlane Cruz
Nunes. - 2014.
40 p. : il.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.

"Orientação: Rozilda Alves Bezerra, Departamento de
Letras".

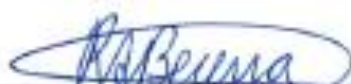
1. Leitura. 2. Leitores 3. Espaço Escolar. 4. Práticas
Pedagógicas I. Título.

21. ed. CDD 372.4

GERLANE CRUZ NUNES

**FORMAÇÃO DE LEITORES NO ESPAÇO ESCOLAR:
Aplicabilidades e práticas no ensino fundamental**

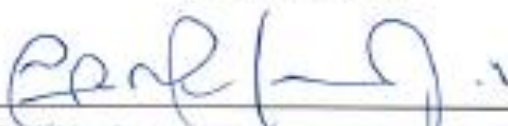
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau especialista.



Profª. Drª. Rosilda Alves Bezerra (UEPB)
(Orientadora)



Profª. Drª. Maria Suely da Costa (UEPB)
(1ª Examinadora)



Prof. Ms. Carlos Adriano Ferreira de Lima (UEPB)
(2ª Examinador)

Guarabira/PB

2014

DEDICATÓRIA

Dedico esta vitória a Deus, meus familiares e a todos que sempre me apoiaram, contribuindo para a concretização de mais uma realização. A vocês a minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que é supremo e poderoso e que dá forças para seguir superando os desafios e buscando apoio para recomeçar... SEMPRE!

Aos meus pais, Francisco e Francisca, pelo amor incondicional.

Aos familiares, que são fontes de apoio, de força, de solidariedade estando sempre prontos ao impulsionar-me rumo ao sucesso...

Aos amigos, que partilharam desta etapa os quais jamais serão esquecidos, especialmente, Gilvaneide, Joelma, Deonize, Gilene, Gicélia, Bernadete de Lurdes, Juliano, Marinalva e Fátima Brito, pela amizade, companheirismo e apoio.

À minha irmã Giovânia, ao meu cunhado Luiz Vitorino, ao meu sobrinho Wendeu Luiz pela dedicação e a ajuda na digitação.

À orientadora, professora Rosilda Alves, pela paciência e incentivo para que fosse possível a finalização desse trabalho.

Aos professores, especialmente, Juarez, Luciano, Carlos Adriano e José Otávio.

Ao coordenador de Polo de Guarabira, professor Belarmino, pela disponibilidade e apoio.

A todos que contribuíram com simplicidade, humildade sabedoria, para que vencêssemos esta etapa.

Muito obrigada!

“O primeiro cuidado que devemos ter é o de agir de tal modo que entre nós e as crianças se estabeleçam uma ponte de absoluta confiança, por onde passamos ir até elas, por sua vez, sejam capazes de vir até nós”.

Cecilia Meireles

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo questionar as aplicabilidades e práticas no espaço escolar no ensino fundamental, para formação de leitores. Trata-se de uma reflexão sobre o ato de ler e educação em geral, frente às novas tecnologias, questionando o papel da escola na formação de leitores, apontando a leitura como caminho que pode levar à cidadania. A leitura é um ato importante para a informação e, principalmente, para a formação do educando. O professor poderá em suas práticas pedagógicas reunir acervos de textos literários, jornada literária, expondo-se as atividades realizadas pelos alunos. A avaliação participativa no sentido da construção dos conhecimentos, da conscientização, investindo na autonomia, no envolvimento, no compromisso e na emancipação dos sujeitos com sua construção e aprendizagem, exigindo um rigor metodológico maior que envolve de maneira democrática, conjuntamente com a sala de aula, a escola e a parceria dos pais ou responsáveis um dos grandes desafios para a educação hoje, talvez seja garantir a aprendizagem para todos, é imprescindível transformar o caráter de leitor mecanizado em um leitor lúdico, os estudantes deveriam procurar serem consumidores da biblioteca escolar, pois assim tornarão leitores competentes perante a sociedade. A grande maioria das escolas não oferece, hoje uma estrutura amigável que favoreça a leitura, enquanto isso, os estudantes brasileiros recebem, em muitas escolas públicas uma educação que não lhes dará ascensão social. É óbvio que isso comprometerá o desenvolvimento social e interpessoal dos educandos.

Palavras-chave: Leitura, Leitores, Espaço Escolar, Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

This work aims to question the applicability and practices within the school in elementary school for educating readers. This is a reflection on the act of reading and education in general, due to the new technologies, questioning the role of schools in educating readers, pointing reading as a path that can lead to citizenship. Reading is an important information and especially for elementary education act. The teacher in their teaching practices gather collections of literary texts, literary journey, exposing the activities of the students. Participatory evaluation in order to construct knowledge, awareness, investing in autonomy, involvement, commitment and empowerment of individuals with their construction and learning, demanding more rigorous methodology that involves a democratic manner, in conjunction with the classroom the school and the partnership of parents or guardians a major challenge for education today, perhaps to ensure learning for all, it is essential to transform the character of mechanized reader in a playful reader, students should seek to be consumers of the school library, for thus become competent readers to society. The vast majority of schools do not, today offers a friendly structure that encourages reading, meanwhile, Brazilian students receive in the public schools an education that will not give them social mobility. Obviously this will compromise the social and interpersonal development of students.

Keywords: Reading, Readers, Space School, Pedagogical Practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1FORMAÇÃO DE LEITORES NO ESPAÇO ESCOLAR: aplicabilidade e práticas no ensino fundamental.....	12
1.1PRÁTICA DE LEITURAS: a crise vivenciada	13
1.2. O PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DE LEITORES.....	14
1.3 O PAPEL DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO LEITORA	16
2 LEITURA E CIDADANIA: A leitura que auxilia na transformação do sujeito .	18
2.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E GRUPO DE LEITURA: a importância do ato de ler	18
2.2 A ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DE DEMONSTRAÇÃO E O COTIDIANO DO ALUNO NAS PRÁTICAS DE LEITURAS	21
3 LEITURA NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO	24
3.1 O PRAZER DA LEITURA	25
3.2 LEITURA: construção de sentidos	28
CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS.....	36

INTRODUÇÃO

As diferentes formas de ler sempre caracterizam as sociedades desde a Antiguidade, dando-lhe assim melhores condições para fazer uma boa interpretação do que foi lido. É preciso observar que a leitura é sempre uma prática envolvida por gestos, espaços e gostos. A leitura não deve limitar-se apenas à maneira de ler contemporaneamente, ela deve, sobretudo, reencontrar os gestos esquecidos, os prazeres que desapareceram e, além de manter o homem intelectualizado, deve também servir de deleite para o homem moderno que vive diariamente a revolução eletrônica. Ler é um bom jeito de se comunicar com toda a humanidade, assim sendo a leitura, da vida precede a leitura do mundo. Estimular o gosto pela leitura, o conhecimentos dos diferentes tipos de fontes e informações (livros, revistas, dicionários, entre outros) os quais são fatores que influenciam o aprendizado nos seus diversos momentos da vida.

A leitura se constitui como um dos avanços à busca do conhecimento sistemático é aprofundado. Contudo, tem-se que em virtude de não se desenvolver o gosto pela leitura, encontram-se algumas dificuldades nesse contexto, o que causa preocupações, pelo fato da leitura assumir certo destaque no processo de aprendizagem.

É através destas que o aluno desperta para interpretação dos fatos e ainda sente-se estimulado para desenvolver a aprendizagem, posto que a leitura se encarregar de amadurecer o intelecto. Ao se fazer uma retrospectiva da história, encontra-se elementos preocupantes que se associam ao fato do individuo desenvolver uma leitura que transcende os livros, documentos ou registros e se insere no contexto vivido.

É bem verdade as dificuldades apresentadas pela aprendizagem ganham outra conotação, a partir do momento em que se identificam bloqueios referentes a leitura, o que evidencia uma certa deficiência no desenvolvimento da leitura como prática escolar. Por se apresentar como uma barreira no processo, a leitura se difunde através de textos, que fogem um pouco da capacidade do aluno, posto que sejam cansativos desatualizados e apresenta

muitas uma linguagem complexa, o que dificultar seu acesso à leitura e suas manifestações.

Nesse contexto, compreendendo as necessidades de se desenvolver as leituras como uma das etapas do processo educativo enfatizando-se os aspectos principais norteadores da pesquisa voltada ao enfrentamento dessa problemática e sem redimensionamento, no contexto pedagógico.

O dia a dia apresentado pelos alunos que ingressam nas séries iniciais, mostra-se preocupante, considerando que a cada momento, o educador encontra-se diante de alguns obstáculos, principalmente quando se refere à leitura e suas interpretações. Essa dificuldades embora comuns, se difunde em outras, como interpretação de textos, ditado, cópia e etc., o que numa linguagem atual se reporta às técnicas de redação.

Entende-se que cada aluno apresenta suas dificuldades, alguns tem bloqueios para escrever, expressar suas emoções, falar, etc. Nesse contexto o professor precisa estar atento a essas dificuldades, a fim de criar mecanismos para seu enfrentamento, reconhecendo que na fase inicial, a criança absorve o que lhe é repassado e incorpora valores que no decorrer da vida escolar, se contemporizam com outros, podendo gerar conflitos ou dificuldades.

Com base nessas situações problemas, nos perguntamos: quais os principais aspectos que interferem no processo de aprendizagem da leitura e sua escrita nos alunos nas séries iniciais do ensino fundamental? Quais as dificuldades vivenciadas pelos alunos no processo de aprendizagem da leitura e escrita? Que alternativas metodológicas podem ser indicadas para o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem na leitura nas séries iniciais do ensino fundamental?

Nesse sentido elegemos os seguintes objetivos neste trabalho que são os de analisar as dificuldades de aprendizagem na leitura dos alunos nas séries iniciais do ensino fundamental, detectar os principais aspectos que interferem no processo de aprendizagem na leitura dos alunos que estão nas séries iniciais do ensino fundamental e finalmente após a pesquisa discutir as dificuldades vivenciadas pelos alunos no processos de aprendizagem na leitura dos alunos nas séries iniciais do ensino fundamental.

1FORMAÇÃO DE LEITORES NO ESPAÇO ESCOLAR: aplicabilidade e práticas no ensino fundamental

A formação da sociedade leitora se inicia quando algumas estruturas de apoio à prática da leitura se estabelecem: editoras, bibliotecas, gabinetes, instituições de ensino etc., o que é compreensível visto que a inserção do sujeito no mundo do livro depende de política e de dispositivos sócio-culturais, não ocorrendo de modo espontâneo.

A leitura não pode ser outorgada como um favor, ela não pode ser implantada arbitrariamente em uma sociedade carente de estruturas de apoio ou de uma política sociocultural capaz de fermentar seu desenvolvimento (ESCAR PIT, 1975, p. 126).

No Brasil a sociedade leitora está, ainda em processo. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) estão afirmadas as necessidades de oferta de muitas atividades de comunicação oral e escrita, salientando, inclusive, o papel da leitura como um trabalho de construção de sentido.

Precisamos promover um trabalho de produção de leitura que contribua para a formação de um sujeito leitor, capaz de identificar num texto as suas leituras plurais, ou como cita Roland Barthes (1974), fazer do leitor não mais um consumidor, mas um produtor de textos, à medida que preenche as lacunas existentes na obra lida, mergulhando na ambigüidade dos textos, em busca dos significados mais profundos.

Todo o conhecimento possuído pelo leitor está armazenado na sua memória que, por sua vez, organiza-o na forma de esquemas para que haja espaço para as inúmeras informações. Para a formação de um bom leitor ressalta-se que conseguindo por em prática sua criticidade, é que haja um estímulo contínuo para o contato entre o indivíduo e o livro; esse leitor precisa ser seduzido para a leitura.

A importância da leitura na formação do sujeito leitor, deve ser estimulante por meio do espírito crítico que é a chave da cidadania. Tornar leitores não é tarefa fácil, entretanto fica claro que se trata de algo extremamente significativo para o aluno. Na verdade, o que almeja-se é analisar a participação da escola na formação de leitores, já que acredita-se na hipótese de que é preciso haver estímulo por parte dos educadores aos seus

alunos para que seja efetivada a formação de leitores, e que a leitura não deve ser encarada nem pelo professor nem pelo aluno como uma obrigação, um dever, e sim como uma atividade prazerosa.

Aprender a ler e se tornar um leitor crítico, que além de realizar leitura compreende o texto, exige empenho, tanto por parte do aluno quanto por parte de quem propõe o trabalho com a leitura no caso a escola. É preciso que ambos entendam que não se lê só para aprender a ler, mas sim para responder as suas necessidades pessoais.

Compreende-se que a formação leitora deve ser encaminhada para além das salas de aula, de ações de distribuição, sobre o que parece haver consenso entre os que estudam e pesquisam na área, cabe apresentar, de forma convincente sobre o papel dos leitores, pois sem a responsabilidade não se conseguirá estabelecer um marco de referência para a formação de leitores críticos, para tal concretização há que incentivar e respeitar a opção do aluno por determinada forma de manifestação artística, sem impor aquelas que, equivocadamente, são consideradas de maior prestígio.

Portanto, é de grande relevância estabelecer-se um binômio entre a leitura / escrita, não considerando-se uma menor que a outra porém ambas igulatórias. Neste sentido, é entendido que ao debater o tema proposto não se está desconsiderando o papel da escrita, nem atribuindo a esta menos valor.

Cabe ainda destacar que para que haja uma boa formação faz necessário estimular, partindo de intervenções pedagógicas realizadas na escola, em casa e na comunidade, assim os resultados serão concretos e objetivos a todos envolvidos.

1.1 PRÁTICA DE LEITURAS: a crise vivenciada

Como para os alunos a leitura é motivo de reclamações imagina para os professores de modo geral, a questão em debate assume contornos sombrios ou melhor, angustiantes. Foi esse o motivo pelo qual sinto-me despertada pelo interesse da leitura, uma vez que esta mostra-se intensa e satisfatória.

Desse modo, os momentos de satisfação no cotidiano da sala de aula são ínfimos, que só restam dois caminhos ao professor: aceitar todas as justificativas para o problema ou estudar, com mais profundidade, a questão. A

opção pelo segundo caminho remete-me à pesquisa sobre a relação leitura / escola.

A leitura de autores insere o sujeito no processo reflexivo, abrindo possibilidades para questionamento pessoais acerca da própria história de leitura e das questões nacionais, como a falta de condições para implementação de políticas de incentivo à leitura.

A inserção na escola revela que de modo geral as crianças demonstram-se interessadas pelo livro, e que esse interesse diminui a medida que elas passam a ter mais idade, comprovando o que muitos autores afirmam: quanto mais cedo a criança conviver com a leitura, mais garantias se tem em relação ao seu futuro como leitor; esta experiência revelou também, por parte dos professores das escolas, a falta de formação e de informação acerca de literatura para crianças e jovens. Razão porque necessita-se de mini curso de leitura para professores do modo geral; investigando-se sobre o papel da leitura no processo de aprendizagem centralizando-se por tanto no projeto no qual a escola se insere.

O tema em debate é de grande relevância pelo fato de que o assunto comumente estar relacionado ao contexto escolar de diversas escolas, apesar de apresentar suas adversidades particulares. Porém a discussão e a reflexão dessa problemática são pontos de partida para a transformação da nossa realidade mais próximas. A opção por refletir sobre os dois sujeitos do processo de formação de leitores. O aluno e o professor justifica-se porque acredita-se na existência de ponto de ruptura na história de leitura escolar a própria prática.

1.2. O PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Ao focar-se a importância do papel da escola e do professor na formação de leitores, não deseja-se somente a ambos a responsabilidade por despertar nos educandos o prazer à leitura; porém provocar uma reflexão acerca das práticas de leitura é fundamental para o crescimento intelectual e,

em especial, sobre a necessidade de resgatar a prática de ouvir, contar e ler histórias nas salas de aula.

O professor não pode apenas ensinar a criança a ler, mas principalmente a compreender o que está lendo, este é o início para a formação de um leitor crítico. A leitura crítica precisa ser ensinada na escola professor, ela não é inerente ao ser humano; deve ser incentivada e estimulada. Segundo as considerações de Silva:

;

Ensinar a ler criticamente significa; antes de mais nada, dinamizar situações em que o aluno perceba, com objetividade, os dois lados de uma mesma moeda, ou se quiser, os múltiplos lugares ideológicos – discursivos que orientam as vozes dos escritores nos seus textos (SILVA, 1998, p. 30).

Faz-se necessário, nesse caso, o professor refletir sobre a sua prática na formação do aluno leitor, pois como cita Freire(1998): é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. Professores e alunos têm o direito a práticas reais de leitura, para que a sua armação seja significativa, uma leitura aberta e crítica, não imposta e obrigatória, o gosto pela leitura e escrita deve ser estimulado, é obrigação da escola formar leitores, portanto professores e alunos precisam ler, escrever, pensar criticamente, ter prazer em realizar atividades de leitura, não só em sala de aula, mas também na biblioteca e em outros espaços culturais que a escola e a sociedade oferecem.

É preciso que a aprendizagem da leitura, iniciada na escola, continue fora desta, pois a leitura é um hábito que é desenvolvido ao longo da vida do ser humano; o professor precisa considerar a leitura como uma aprendizagem necessária a ser desenvolvida em suas aulas. Revendo a metodologia utilizada, no trabalho com a leitura, visando à formação de um leitor crítico e reflexivo.

Em relação ao trabalho escolar com a leitura, Lajolo (2008) destaca a escola como principal motivadora da leitura, pois pertence a ela a responsabilidade pela formação leitora dos alunos. É importante destacarmos que o significativo para uma boa formação leitora não está no fato de o discente

ler isto ou aquilo. Segundo Sousa (2008), o aluno vai caminhando entre o prazer e a obrigação, há textos em que ele sente prazer em ler, outros não, como em muitas atividades da vida cotidiana.

Infelizmente, muitos professores ainda não demonstram um conhecimento profundo das Orientações Curriculares, que apresentam contribuições significativas quanto ao trabalho com leitura em sala de aula.

Para o leitor em formação são vários os fatores que influenciam a maneira como uma criança aprender a ler; as atitudes, os valores sociais que a rodeiam talvez sejam invisíveis, mas, nem, por isso, menos reais, tudo o que uma criança lê contribui para estimular sua aprendizagem e acelera o seu ritmo, mas as informações acerca do ato de ler e suas múltiplas faces e objetivos chegam por meio da escola e seus professores. A partir daí, tem-se a culminância do processo desarticulado entre as instâncias que participam e patrocinam o ensino da leitura. Freire (1998), nos diz que existe uma relação mutua entre a leitura de mundo e a leitura da palavra, entre a linguagem e a realidade, entre o texto e o contexto.

Portanto, vale salientar que se faz necessário e urgente, que a escola e os profissionais que a compõem, sobretudo, os professores do anos iniciais do Ensino Fundamental, revisem seus conceitos de leitura e reflitam sobre suas práticas, adequando seus métodos e metodologias para a necessidade de se formar leitores autônomos e competentes, uma vez que a sociedade vigente assim exige.

1.3 O PAPEL DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO LEITORA

O contato com a leitura deve ser iniciada dentro de casa, durante a infância, tornando-se algo natural, as crianças seguem o exemplo das pessoas que estão a sua volta, tendo a família um papel primordial nesse processo. No ambiente familiar à leitura traz muitas mudanças na vida daqueles que convivem com a presença dela. Pois o incentivo dos pais é fundamental pois a criança vai querendo cada vez mais ler, sem que haja uma espécie de cobrança rígida, o que torna cada vez mais dificultoso o gosto pela leitura.

Mas nem todas as famílias estão presentes na formação da leitura de seus filhos; existem muitas dela que ao invés de motivar os filhos a estudar,

forçam eles a trabalharem, isto devido pelas más condições de renda, ocorrendo um aumento de uma cultura iletrada, sem o letramento necessário para que haja um crescimento na educação. Para estimular na criança o gosto pela leitura, os pais precisam: Dar o exemplo, lendo e demonstrando interesse pela leitura do filho; Contar histórias; Dar acesso à criança desde cedo o contato com bons livros, adequados à sua idade e nível de desenvolvimento e formar uma pequena biblioteca em casa.

Quem nasceu em uma família de leitores, independente do poder aquisitivo dessa família, tem muita chance de se tornar um grande apreciador dos livros. Os pais precisam entender que o letramento começa na infância com as histórias contadas pela família, pois aí começa a nascer um espaço tempo destinado à leitura em cada lar. Para isso, avulta a importância de ações integradas entre comunidade escolar e a família, pois dessa maneira os pais e alunos podem conceber a escola como uma aliada na melhoria e aprimoramento do repertório de cultura letrada da criança (COSSON, 2006). Assim, podemos ver e analisar que a família tem a incumbência de ajudar no processo de formação leitora de seus filhos. As dificuldades lectocritoras atingem, ricos e pobres, brancos ou negros; europeus ou latinos, em toda as famílias, que estão nos bancos escolares; no âmbito das instituições de ensino, sabemos que a população em idade escolar vão apresentar, em sala de aula, algum tipo de dificuldade de aprendizagem.

Os pais, com ou sem formação superior, devem abrir as gramáticas escolares que, infelizmente, trazem regras pouco claras. Na verdade, os pais são modelos com papel decisivo, uma vez que se ele forem leitores regulares, certamente conseguirão fomentar nos filhos a curiosidade pela leitura e o desejo de lerem. De fato, a interiorização da idéia de que a leitura é uma atividade quotidiana e o crescimento da criança numa família que valoriza o livro, são aspectos que concorrem para que possa ter um maior tendência e uma maior motivação para a leitura (SOUSA; GOMES, 1994). Na verdade, os pais são um modelo com um papel decisivo, uma vez que se eles forem leitores regulares, certamente conseguirão fomentar nos filhos a curiosidade de ler e fazendo da leitura uma rotina de prazer, como podemos observar nos estudos sobre “ler é preciso: a escola e a leitura” (SOUSA; GOMES, 1994).

Realmente, a família deve ser um modelo para as crianças, uma vez que é na família que se constroem os modelos básicos de conduto das pessoas, a família deve ainda colaborar ativamente e assiduamente com o educador de infância, nas atividades promovidas para estimular o gosto pela leitura, cooperando num trabalho que se quer em conjunto (SOBRINO, 2000).

Portanto, a família como espaço de orientação construção da identidade de um indivíduo deve promover o ato de ler para que, ao ser incorporado nas mediações domésticas, construa o gosto pela leitura. O letramento familiar pode ser entendido como o contato dos signos através dos pais, seja pela estória contada na hora de dormir ou canções ensinadas às crianças, esses são modos de letramento que auxiliam no momento da leitura. A leitura, quando iniciada no ambiente familiar pode fazer com que o leitor tenha mais facilidade em compreender textos, havendo uma compreensão de mundo melhor. A família deve se conscientizar que a leitura é um processo contínuo que precisa iniciar na educação informal (no lar) e se prorrogar por toda a vida. (SOLÉ, 1998).

2 LEITURA E CIDADANIA: A leitura que auxilia na transformação do sujeito

2.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E GRUPO DE LEITURA: a importância do ato de ler

Segundo Paulo Freire “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” se preocupa com os “textos”, as “palavras” e as “letras” daquele contexto em que a percepção era experimentada pelo aluno. Ele notou que quanto mais “codificava” a leitura dessa realidade, mais aumentava a capacidade do indivíduo de perceber e aprender.

Esse processo de leitura segundo Freire, foi denominado como o “ato de ler”, buscou-se por meio deste ato a percepção crítica, a interpretação e a “reescrita” do lido pelo leitor. O papel do educador nessa proposta é de suma importância, bem como a coerência entre o que o educador proclama e sua prática. Pois “não é o discurso que ajuíza a prática, mas a prática que ajuíza o discurso”, afirma Freire. “Educar e ser educado pelos educandos” também é

uma perspectiva freireana. Essa corrente revelou que uma visão da educação está na intimidade das consciências dos envolvidos e é movida pela bondade dos corações; já que a educação pode modelar as almas, também pode alavancar as mudanças sociais.

Saber ler, é além de uma exigência da sociedade moderna, uma dinâmica experiência existencial. Contudo, há uma importância diferença entre saber ler e a prática efetiva da leitura: a efetiva leitura vai além do texto verbal e começa na palavra – mundo antes mesmo do contato com ele.

Portanto a leitura deve ser considerada uma atividade de construção dos sentidos de um discurso do “eu” com o “outro”, mediatizados pelo mundo. O ato de ler não pode ser visto, simplesmente, como uma atividade receptiva. A sua compreensão está ligada à significações e a força que elas assumem no uso comunicativo e no letramento literário (PAULINO, 2001)

Nos primeiros sete segundos de leitura já um mundo novo é criado pelo leitor no fecundo espaço da sua imaginação; o leitor joga-se inteiro num universo de narrativas ou de metáforas desconhecidas, construídas pela energia fabulativa e poetizante do escritor, e feitas de toda alma e todo corpo, sem tréguas e sem piedade, no desenvolvimento implacável dos recônditos mais complexos ou obscuros. O ato de ler é um ato de amor e de crença na espécie humana e em si mesmo.

Reflexões em torno da importância do ato de ler, implica sempre percepção crítica, reescrita, pois é um ato primordialmente reflexivo, não se pode pensar que está lendo se não há um esforço em conhecer o contexto que envolve o texto lido. Leitura é a ação da compreensão, não apenas escrita, mas também dos fatos sociais, a verdadeira leitura. As pessoas que detêm a verdadeira leitura, são aquelas que conseguem compreender o que está por trás tanto dos grandes como dos pequenos acontecimentos históricos.

Quase sempre o ato de ler relaciona-se com o que está escrito, mas com certeza o ato de ler vai além de decifrar o que está escrito, a leitura decifra gestos, descobre o que alguém está pensando por suas expressões; esse ato é iniciado desde o nosso primeiro contato com nossa mãe, quando ela vai amamentar, por isso podemos dizer que ler é aprendizado natural do homem.

De acordo com a perspectiva psicológica, Silva afirma que o ato de ler ocorre, de fato, quando acontece a abertura da consciência para aquilo que se

deseja ler, não necessariamente texto verbal, escrito. Toda leitura é única, em decorrência da atribuição de significado que ocorre de acordo com o “horizonte de experiência e expectativa de cada um e, no momento em que acontece o posicionamento do ser perante o mundo, existe um leitor efetivo, capaz de pensar a realidade e recriá-la a partir do lido.

Somos leitores desde o nosso nascimento, ainda criança, apesar de não ser alfabetizado, existe a possibilidade de um leitor sagaz, que busca compreender situações e atuar para modificá-las, ou até mesmo criá-las, operando junto com o outro, numa construção dialógica junto de significação3preparação de recursos humanos para preencher as necessidades do mercado.

A educação tecnológica, num sentido mais amplo, ultrapassa a dimensão do ensino tradicionalmente cognominado de técnico. O docente da educação tecnológica é o incentivador de novos conhecimentos, não sozinho recluso nas suas leituras e reflexões, mas em parceria com os alunos. Os espaços criados pelo docente são as alavancas para o futuro desenvolvimento tecnológico do país.

A leitura e a escrita dentro do universo digital e multimodal integra várias linguagens, e traz também novidade sem sua interface. Atualmente, o leitor considerado competente por Chartier (2000) pode não ser mais aquele que realiza em apenas um suporte, impresso, mas aquele que transita em diferentes meios seja impresso ou online.

Na perspectiva da leitura online, o papel da escola e do educador continua sendo importante. Quando o professor propuser a investigação por meio da informatização, poderá levar os estudantes a interessa-se pelas descobertas, e conhecimentos diferenciados em cada região, discutindo a relação do fazer literário com as tecnologias.

Considerada, hoje uma abordagem valiosa em um trabalho de construção teórica permitindo conhecimento sobre a realidade a leitura vem evoluindo-se com as novas tecnologias, levando o processo de formação de leitores em um processo de interação entre leitores, escolas, educadores e famílias.

Podemos assim, concluir que uma parceria fundamentada com responsabilidade e objetividade, resultará em uma parceria agregada com

liderança utilizando os meios tecnológicos para melhor desenvolver o processo de aprendizagem com sucesso, perante a sociedade leitora.

2.2 A ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DE DEMONSTRAÇÃO E O COTIDIANO DO ALUNO NAS PRÁTICAS DE LEITURAS

A Escola Estadual de Ensino Fundamental de Demonstração de Alagoa Grande – CEPES – AG1 – Alagoa Grande – PB, funciona na Rua Ruy Barbosa S/N, na cidade de Alagoa Grande.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental de Demonstração de Alagoa Grande nasceu de um embrião da necessidade do Centro de Formação e Treinamento de Professores de Alagoa Grande, que não tinha laboratório para avaliar os seus cursistas e professores em 1964. Pelo Programa de Aliança para o Progresso, apoiado pelos seguintes segmentos e convênios: Estado da Paraíba, USAID, MEC, SUDENE, Programas estes que surgiram no Governo do então Presidente Marechal Humberto de A. Castelo Branco.

Inaugurado no Governo estadual de Pedro Moreno Gondim e o Secretário da Educação Antonio Nominando de Diniz. Nasceu como Escola Estadual de 1º Grau de Demonstração de Alagoa Grande, foi criada com o intuito de treinar, preparar, habilitar professores servindo como laboratório párea os cursistas realizarem a sua prática de aprendizagem obtida em sala de aula com fins profissionalizantes.

De início foi criada a 1ª fase que correspondia as quatro primeiras series do antigo primário. Sendo mais tarde ampliada até a 2ª fase, sendo ampliada gradativamente ano após ano até atingir a 8ª série do primeiro grau, na gestão da Diretora Maria das Dores Silva, incluindo a Pré-escola e a Alfabetização.

Tendo sido desvinculada do Centro de Formação e Treinamento do Professores de Alagoa Grande, funcionando com decreto Lei de criação 8964'12/1991, no Governo do então Governador José Targino Maranhão, sendo sua primeira Diretora Lúcia Fátima de Oliveira Agra.

A Segunda Diretora que atua até os dias de hoje é Bernadete de Lourdes Félix da Silva. Atualmente após a promulgação da nova LDB 9394/94

a escola passou a dominar-se Escola Estadual de Ensino Fundamental de Demonstração de Alagoa Grande.

A escola caracteriza-se em um perímetro urbano bem colocada as residências vizinhos e suas dependências todas de alvenaria com sistema de água, luz, tendo todas as residências da rede coletora de esgoto ligado diretamente. Quanto ao número de salas de aula não são suficiente para o número de alunos, pois são pequenas e tem uma estrutura inadequada. A escola não dispõe de materiais didáticos e outros recursos que atendam as necessidades de professores e aluno, para que haja um melhor desempenho.

O corpo docente da escola é constituído de 30 professores com curso superior completo e formação pedagógica. A escola sempre está promovendo eventos como: feiras de ciências, palestras, gincanas, datas comemorativas, etc. A escola atende em média 700 alunos do ensino fundamental funcionando em dois turnos, sendo manhã e tarde, atendendo também os alunos da zona rural e urbana.

No que se refere ao quadro administrativo escolar conta com diretora, vice-diretora, auxiliar datilografo, uma merendeira, um vigia e quatro auxiliares de serviço. No que se refere ao material didático disponível para os docentes,, estes dispõem de livro didático, fitas de vídeo, alguns mapas, quadro negro, giz e papel ofício, sendo que esta quantidade de materiais não é suficiente para atender as necessidades da escola.

Procurando verificar o desempenho a respeito da formação de leitores, realizei uma pesquisa de campo na referida escola, onde foram distribuídos questionários contendo 05 questões para os alunos entrevistados opinassem sobre situações envolvendo a leitura.

Alguns alunos relatam que a importância da leitura para seu cotidiano escolar pra aprender a ler, pois é a partir demento que a criança e jovem passa a inteirar-se no mundo letrado transformando-se em um leitor competente, observei os relatos dos alunos que conceituam a leitura como processo de avaliação continua, que desenvolve e enriquece seu entendimento durante o ato de ler cabendo-se ao professor criar estratégias para que se torne um leitor ativo.

Os recursos são diversos pois os mesmos permitirá a interação com tudo o que o rodeia, chamando ao professor sugerir meios que o torne em leitor com outro tendo o prazer pela leitura.

A leitura amplia o conhecimento de mundo em que eles estão inserido, mantendo-se bem informados melhorando sua capacidade, estimulando a compreensão de si mesmo e do mundo.

3 LEITURA NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO

No contexto escolar da educação brasileira, surge uma variedade de linguagem e de leitura que requerem uma atenção especial dos educadores. A sala de aula constitui hoje, um dos espaços destacados para a pesquisa sobre o ensino-aprendizagem da língua.

Cabe à escola promover a sua ampliação de forma que cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações.

É importante que o professor compreenda a aula de leitura como um espaço discursivo, no que se travam conflitos entre vozes marcadas sócio historicamente, em que circulam diversos sentidos. E na interação onde os sujeitos se constituem como tais, conforme no diz Orlandi (1983, p. 20), “A leitura é o momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo de interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores desencadeiam o processo de significação”.

A leitura é um dos instrumentos essenciais para que o indivíduo construa seu conhecimento e exerça a cidadania. Percebe-se que a forma como o professor se relaciona com os alunos vai determinar, a forma como estes se relacionam com o conteúdo e principalmente com a leitura no momento da aprendizagem.

A leitura, hoje, mais do que nunca, significa o encontro das pessoas com elas mesmas. Neste mundo em que a cultura visual ou oral se sobrepõe à escrita de, “globalizações de hábitos ou opiniões, costume dizer que a leitura desperta”. Ela traz prazer, quando o indivíduo descobre que lhe dá o poder do conhecimento e a capacidade de associar ideias, planos, elementos aparentemente dissociados no tempo e no espaço. A leitura agiliza nossa inteligência objetiva e subjetiva.

No estado do Ceará a professora Mariza que leciona no Colégio Sagrado Coração de Jesus, em cidade turística chamada Quixadá afirma para o jornal Mundo Jovem de 1999: Nossos alunos, como muitos outros, sentem

grande dificuldade na interpretação de textos e até mesmo no que diz a respeito a compreensão de perguntas elaboradas nas avaliações.

Chegamos a uma conclusão depois de vários questionamentos, reuniões e daí mudamos nossa estratégia, procurando orientá-los, adotamos livros, falamos do valor da leitura, fizemos trabalhos com livros paradidáticos... mas nada. Liam por obrigação e assim não atingimos nossos objetivos; o gosto pela leitura e o enriquecimento do vocabulário.

Até que novamente mudamos a estratégia. Para nossos alunos atingir o objetivo que queríamos que fosse fazê-los ler, compreender e interpretar textos diversos e para que isto acontecesse teríamos que levá-los a ler, ler muito. Arriscamos e acertamos! Trabalhar com paradidáticos, mas sem adotá-los. Os livros escolhidos livremente pelos alunos. Estimulamos só a quantidade, cinco por mês. Como sabemos se eles lêem ou não? Durante o mês, eles apresentam os livros e um deles é escolhido para que o aluno faça a parte escrita como: resumo de capítulos, dramatização, quadrinhos, fichamento em forma do que nomeamos “cantinho da novidade”, onde de acordo com o tema central do livro, os alunos trazem reportagens de revistas os jornais para serem lidos em sala.

Assim as aulas são mais dinâmicas e a leitura e produção de texto estão cada vez mais dinâmicas. No primeiro mês, muitos dos alunos ficariam sem apresentar os livros, no entanto, o número de livros tem aumentado consideravelmente. Eles estão mais desinibidos e nós passamos a conhecê-los mais. Resumindo nossa experiência com esta leitura livre e dinâmica. Nós tentamos mudar e está dando certo.

3.1 O PRAZER DA LEITURA

Segundo Ângela Guimarães em sua entrevista à Revista Nova Escola de dezembro de 1999, o trabalho de formação de leitores vem mudando de perfil nos últimos anos. Até bem pouco tempo atrás, os exercícios de compreensão de texto eram usados apenas para avaliar a capacidade do aluno de decodificar a escrito (isto é, estabelecer sua correspondência com os sons da fala). Quando muito, para verificar em que medida ele conseguia “acertar” respostas de um questionário referente ao conteúdo. Hoje, busca-se formar

peessoas capazes de atribuir significado aquilo que lêem. Para adaptar suas aulas a esse novo contexto, é preciso organizar uma seqüência didática que não começa nem se encerra com a leitura. Dessa forma, segundo Guimarães:

Em primeiro lugar, é preciso motivar a classe, despertando o interesse para o texto que será lido. Depois da leitura – individual ou coletiva reserve espaço para que os alunos façam comentários. É uma forma de aumentar o envolvimento de todos com o assunto e medir o nível de compreensão. Discussões em roda também são importantes para que eles troquem informações sobre pontos relevantes do texto. A observação das ilustrações que eventualmente acompanhem o texto também serve para enriquecer e aprofundar sua interpretação. Para encerrar, uma boa sugestão é fazer com que as crianças escrevam aquilo que entenderam da linha de pensamento do autor e do conteúdo do texto. Aproveite o interesse gerado pelo assunto para propor aos estudantes novas leituras relacionadas ao tema (GUIMARÃES, 1998, p. 55).

Ao começar um projeto de leitura para desenvolver o imaginário de uma classe, torna-se imprescindível a priorização dos conhecimentos e da realidade do aluno. É primordial que os professores tenham domínio teórico e competência para estabelecer relações entre o referencial que fundamenta a proposta e a sua aplicação na sala de aula, pois só assim poderão medir o desenvolvimento da aprendizagem numa perspectiva de educação eficiente e eficaz.

Na aplicação de leitura para o desenvolvimento do imaginário de uma classe, considera-se primeiro a heterogeneidade dos educados e quais os seus interesses, suas identidades, suas preocupações, necessidades, expectativas em relação à escola, suas habilidades, enfim suas vivências, o que se torna de sua importância para a construção de uma proposta pedagógica que considere suas especificidades. É fundamental perceber quem é o educando, para que os textos a serem trabalhados façam sentido e tenham significado, sejam elementos concretos na sua formação, instrumentalizando-o para uma intervenção significativa na sua realidade.

Os dados colhidos na aplicação do projeto de leitura devem visualizar várias possibilidades de trabalho e devem se espelhar nos conhecimentos e na observação feita pelos aplicadores do projeto no cotidiano de seus alunos, nas

expectativas observadas e nas representações do mundo que os educandos trazem, como suas vivências e experiências. Ressalta-se que é essencial garantir o registro de todo o processo, todas essas informações vão constituir o perfil dos educandos, seus conhecimentos prévios, suas expectativas, tornando-se um dos referenciais fundamentais para a avaliação do projeto. Sobre a observação da sala de aula, Paulo Freire (1998, p. 52) relata:

Quando entro em sala de aula deve estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições: um ser crítico e inquirido, inquieto em fazer tarefa que tenho a de ensinar e não a de transferir conhecimento. [...] jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos. Exatamente assim é que vejo os professores e os alunos serem com alma, sonhos, emoções e desejos, oruridos por ensinar e aprender.

Para Freire (1975), são duas dimensões que constituem a palavra: ação e reflexão. A verdadeira palavra é a práxis transformadora. Na falta desta dimensão da ação, perde-se a reflexão e a palavra torna-se um verbalismo sem valor. Por outro lado, a ação sem a reflexão transforma-se em ativismo, que é uma forma também de negação do diálogo. Ele explica que esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões: “ações/reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificados, ainda que em parte, uma delas, se ressentem, imediatamente, a outra”. (FREIRE, 1975, p. 94)

Assim, a palavra não autêntica não vai transformar a realidade, uma vez que se estabelece uma dicotomia entre a ação e reflexão. A palavra perde a dimensão transformadora, cai na formalização. Freire (1975, p. 94) diz que o diálogo só se inaugura com algumas condições e prioridades (tais como: o amor, humildade, fé nos homens e um pensar crítico).

Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. Não há, por outro lado, diálogo se não há humildade. A pronúncia do mundo, com os homens o recriam permanentemente, não pode ser um certo arrogante.

Para que o diálogo seja instaurado através do estudo de textos, primeiramente, é preciso ter fé no ser humano, na sua capacidade de fazer e

refazer, “acreditar na sua vocação de ser mais que não é privilegio de alguns eleitos, mas direto dos homens”. O dialogo libertador, o não alienante, percebe a realidade como em permanente perfazimento, portanto, o homem é histórico e na história. Não admitindo separar o homem de seu mundo. “O diálogo é o encontro dos homens para dizerem as suas palavras. Encontro mediatizado pelo mundo em que tem por objetivo a sua pronuncia” atividades com ações voltadas diretamente para alunos e professores das séries iniciais do ensino fundamental. (KRAMER, 2010).

Com a prática de leitura o aluno ira aguça sua imaginação, vai criar histórias, personagens, ter facilidade de descrever um mundo de fantasias (fictício); pois quanto mais escolarizado é o leitor, mais escolarizado é a razão da sua leitura. Só na escola se ler para treinar entonação e fluências para fazer exercícios de interpretação, preencher questionários, fichas de leitura, provas, etc.

É na prática de leitura oral que mais se revela o processo de destruição da experiência de ler. No momento, é nessa prática que se esgota quase todo o trabalho de leitura feito nas escolas, principalmente nas séries iniciais.

Uma prática intensa de leitura na escola é sobretudo, necessária, porque ensina a ler e a escrever.

3.2 LEITURA: construção de sentidos

Geralmente quando se fala em leitura sempre nos vem em mente a decodificação de palavras, pois o ato de ler é comumente associado com escrita e leitura de material tipográfico, entretanto “fazer leitura” engloba mais que a decifração dos códigos lingüísticos. É certo que a leitura se relaciona com o ler livros, revistas, jornais, folhetos, etc. mais também envolvem uma leitura de objetos situações, de pessoas e do próprio mundo (KOCH, 1998).

Conforme vemos em Martins (1994, p. 7-8), falando em leitura, podemos ter em mente alguém lendo jornais, revistas, folhetos, suas o mais comum é pensarmos em leitura de livros. Para o autor,

[...] Sem dúvida o ato de ler é usualmente relacionado com o leitor visto com decodificador da letra. Bastará, porém decifrar palavras para acontecer a leitura? Como

explicaríamos as expressões de uso corrente “fazer a leitura” de um gesto, de uma situação; [...] ler o olhar de alguém. “ler o tempo”, ler o espaço”, indicando que o ato de ler vai além da escrita? Se alguém na rua me dá um empurrão, minha reação pode ser de mero desagrado, [...], ou de franca defesa, [...] minha resposta a esse incidente revela meu modo de lê-lo, [...] às vezes passamos anos vendo objetos comuns, [...], limitamo-nos à sua função decorativas ou utilitária. Um dia, por motivos os mais diversos, nos encontramos diante de um deles como se fosse algo totalmente novo [...] seu conteúdo passa [...] a fazer sentido para nós.

As novas leituras dependem da construção de sentidos e da realização de inferências, pois é através dos vínculos criados por nós em relação as pessoas, às circunstâncias, aos objetos ou seja, ao mundo em geral, num dado momento, que descobrimos um novo sentido diversificado daqueles que concebíamos. A questão da leitura está aquém de padrões exclusivos da escrita e leitura de códigos lingüísticos, já que se refere ainda à leitura de gestos, pessoas, ambientes e situações cotidianas que, em determinado instante, nos leva a uma reação e por consequência à busca ou não de uma compreensão (SOARES, 1998).

A leitura é um espaço democrático que nos permite em meio a tantas formas de comunicação pelas quais somos bombardeados atualmente tentar entender a importância de ler um livro, ou por outro lado de ler o mundo que nos cerca, tão amplo e confuso com suas dualidades: justiça, beleza – feiúra, liberdade – repressão, realidade – irreabilidade, etc.

Com certeza, a primeira noção sobre leitura com o qual podemos nos fixar é a de que são várias as formas de linguagem que nos cercam e que todas têm a função de reduzir, devido à sua capacidade de nos levar para determinados lugares da imaginação ou do pensamento jamais visitados. A realidade atual da educação e as práticas de leitura

Atualmente a educação deve ser analisada urgentemente, por que são poucos os que se interessam pelo seu fortalecimento, pois poucos são os recursos disponíveis. Muitas vezes os profissionais não estão preparados para assumir tanta responsabilidade.

O homem está inserido em uma sociedade cercada de dogmas, verdades inquestionáveis, o que é próprio da postura do homem dogmático:

aceitar o mundo sem questionar. Com relação ao que foi citado, às práticas de leitura, alguns professores com relação a área de língua e literatura estão inseridos no senso comum, aderindo uma postura indiferente com relação a prática de leitura. O problema da falta de leitura é o aluno não ter nenhum estímulo por parte da família ou professores, por isso, o espaço da literatura, segundo Cosson (2010), deve ser iniciado em casa para ser aperfeiçoado na escola.

É a partir da pré-escola que as crianças irão estabelecer contato direto com livros, isto tendo o professor como principal mediador, pois hoje temos que estarmos sempre renovando a cada dia, buscando novas estratégias, para assim estimularmos nossos alunos a encararem a leitura com naturalidade e prazer.

A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas, segundo Dalvi (2013), pois o mercado de trabalho exige preparação e competência profissional; não se pode ficar estacionado nos mesmos “B a Ba”, qualquer passo que se der em direção a realização profissional deve se ter como suporte o conhecimento que se obtém através da leitura e da compreensão.

O aluno que não pratica a leitura, é incapaz de compreender qualquer assunto em relação a análise e crítica de um texto. Por isso cabe ao professor incentivá-lo a tomar o gosto pela leitura, porque o incentivo maior é na escola. A maioria dos alunos não tem incentivo à prática de leitura em casa.

Um dos fatores importantes é optar por inovações na metodologia utilizada em sala de aula, devendo abandonar a maneira tradicional: não totalmente, e sim mesclar um pouco de cada, (unir o útil ao agradável, contanto que atraia o aluno para ele sentir prazer na hora da aula, podendo utilizar além dos livros, e dos textos, recursos mais atualizados como: DVD, computador, rádios, e outros, fazendo com que o aluno se sinta atraído. (KOCH, 1996).

A prática de leitura nas séries iniciais do ensino fundamental, quase sempre se resume em textos repetitivos, seguidos por cópias e exercícios dirigidos e mecânicos, onde o espaço para a reflexão e compreensão sobre si e sobre o mundo raramente encontra lugar. Desse modo cabe ao professor, dentro do ambiente escolar, criar situações onde o aluno seja capaz de realizar sua própria leitura, concordando ou discordando, e ainda fazendo uma leitura crítica do que lhe foi apresentado; contribuindo assim para o desenvolvimento

pessoal intelectual, conduzindo a criança do mundo da escrita (KLEIMAN, 1993).

A leitura é sistematicamente submetida às rotinas padronizadas dentro da escola e termina por perder seu sentido mais profundo. Do ponto de vista dos objetos de leitura, essas rotinas descaracterizam o trabalho, a revista e os demais materiais que circulam na vida social, cortado, adaptado, mimeografado, o texto, enquanto objeto sociocultural se transfigura, porque se “pedagogizar”. Bordini e Aguiar (1993) referente à escolarização do texto, mostrando que o ato de ler – individual em sua essência – transforma-se numa comunicação interpessoal, condicionada pela falta de trabalho para todos e pela concentração de muitos sujeitos num mesmo espaço físico. Com relação aos materiais, afirmam as autoras.

A destruição da leitura e do leitor já foi objeto de uma importante investigação em que se mostra a escola agindo sobre o que e como se deve ler. Além disso, historicamente, a leitura tem sido usada como pretexto para atividade estritamente mecânicas. É o caso de uma prática ainda hoje bastante presente na sala de aula: ler para imitar o autor.

Quanto mais escolarizado é o leitor, mais escolarizada é a razão da sua leitura. Só na escola se lê para treinar entonação efluência, para fazer exercícios de interpretação, preencher questionários, fichas de leitura, provas, etc. É na prática de leitura oral que se revela o processo de destruição da experiência de ler. No entanto, é nessa prática que se esgota quase todo o trabalho de leitura feito na escola, principalmente nas séries iniciais.

O ler é buscar interpretações mediante uma negociação de significações entre texto, autor e leitor, que por sua vez, nada tem a ver com a dicção e a marcação de ritmo, que fazem da leitura e repetição infundável de palavras, frases ou fragmentos de textos. Segundo os PCN's (Parâmetro Curriculares Nacionais), o trabalho com produção de texto tem como finalidade formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes.

A conversa entre professor e aluno é, também, uma importante estratégia didática em se tratando da prática de produção de textos: ela permite por exemplo, a explicitação das dificuldades e a discussão de certas fantasias criadas pelas aparências. Uma delas é a da facilidade que os bons escritores

(de livros) teriam para redigir. Quando está acabando, o texto praticamente não deixa traços de sua produção. Este, muito mais que mostra, esconde o processo pelo qual foi produzido. Sendo assim, é fundamental que os alunos saibam que escrever ainda que graficamente para muitos, não é fácil para ninguém.

Para que a criança sinta prazer pela leitura, o professor deve criar estratégias de leitura pois só assim a criança irá se sentir importante. Há várias estratégias de leitura, como o cardápio de leitura, a seguir:

Roda da leitura: todos os alunos sentados, em formação de um círculo, para a realização da leitura do dia.

Vender o livro: todos os alunos, após a leitura de um livro, um por sua vez, fará apresentação do livro lido. Deverá no seu momento, convencer aos demais que o mesmo é bom.

Dramatização do livro: o professor deverá sugerir 3 (três) livros para os alunos escolherem após realizada a leitura e o desenvolvimento do teatro, envolvendo-os na história e dramatização.

Propaganda do livro: o aluno fará o papel de autor para promover a propaganda do livro, porém, não poderá contar o final do mesmo.

Caixinha de leitura: o professor selecionará algumas frases, parágrafos curtos, textos e outros, colocando-os em uma “caixa”. No momento reservado à leitura, cada aluno retirará da caixinha surpresa o que deverá ser lido no dia.

Palanquinho: do término da leitura, o aluno subirá no palanquinho para falar que parte do livro mais gostou. Ele torna-se o centro das atenções.

Contador de história: no momento integração do “curtinho leitura”, o zelador, o pai, a mãe, a coordenadora e outros mais, serão convidados para contar uma história.

Alô leitura: o professor dividirá a turma em grupos de 2 a 2 (dois a dois), onde todos simularão uma ligação telefônica para ao amigo, o livro que escolhem e aquilo que mais chamou a atenção ao lê-lo.

O painel da leitura: cada aluno escreverá uma frase que identifique o livro por ele lido. Essa frase vai para o painel destacando a leitura realizada no dia.

Self-service: o professor colocará, a disposição dos alunos, várias opções de leitura, por exemplo, gibis, revistas, literaturas e outros, para que escolham a leitura do dia.

A cadeira do leitor: o professor enfeita uma cadeira para colocá-la em frente dos demais alunos, e, assim, o aluno escolhido falará sobre o livro lido.

Gira-gira do livro: cada aluno terá uma página do livro, e no final, todos terão participado.

Música na leitura: “curtindo as leituras” é o momento onde o professor escolherá uma música para trabalhar a letra, melodia e interpretação... é um instante descontraído e diferente.

Feira do livro: o professor promoverá, na escola uma feira de exposição dos livros lidos pelos alunos. Convidará outras turmas para que, durante o evento, possam outros alunos apreciar as apresentações dos livros. Cada aluno aprenderá 3 (três) livros na exposição.

Troca-troca da leitura: após a realização diária, o professor fará a divisão da turma em grupo de 2 (dois a dois) ou 3 (três a três), para que nos grupos, aconteça a troca de experiências do livro lido, cada um no grupo fala do livro que leu.

Recontando a história: momento em que cada aluno terá a oportunidade de recontar uma história, uma lenda, causo ou caso (real).

Repórter da leitura: o professor escolherá um aluno para ser repórter. As perguntas deverão ser direcionadas para os questionamentos do livro lido entrevistado.

Personagem da história: realizada a leitura do dia, o aluno deverá comentar os personagens que mais se destacaram na história em questão.

Águes Augusto explica. O trabalho com jornais, além de ampliar o universo dos alunos, ajudar a formar leitores competentes e tornar as suas aulas mais interessantes. Hoje em dia não é fácil fazer com que o aluno se interesse por leituras de jornais com todo, acesso que eles tem a Internet, telefones celulares, só que temos que criar estratégia para fazer com que sintam gosto e prazer em fazer uma leitura através de jornais; e convencê-los de que jornal também é coisa de criança:

Apresentar textos cortados, sem referências nem ilustrações – prática comum em livros didáticos -, não é uma maneira eficaz de formar leitores de jornal. Maria Alice Farias, professora aposentada da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Assis, explica que o contexto da edição e da publicação traz informações importantes, que são ocultadas quando se destaca

apenas um pedaço. “O professor deve levar jornais inteiros para a sala de aula, mesmo que antigos, pois nem todos os alunos têm acesso a ele ou intimidade com esse meio de comunicação, completa.

A revista leitura informa: uma política de formação de leitores deve estimular prática de leitura diversificadas, valorizando diferentes textos, em diferentes suportes. Mas se a condição de acesso aos livros é básica, ela não é suficiente. A formação do professor juntamente com o acesso, condição para que se efetive uma proposta de leitura no âmbito escolar. Se pretende incentivar o professor a ser ele próprio um leitor, além de um formador de leitores competentes, é preciso fomentar o debate permanente sobre a leitura e fornecer instrumentos para que esse debate e a prática da leitura se efetivem no ambiente escolar.

CONCLUSÃO

Estudar e analisar as concepções apresentadas pelos autores que subsidiam este trabalho de conclusão de curso, percebi as novas inquietações quanto a este tema, que se torna polêmico nas dissensões de professores quanto a postura que o mesmo deve tomar para que seu aluno desenvolva uma prática de leitura para toda a vida.

Com base nas discussões apresentadas sobre a importância e relevância da leitura, no decorrer de toda uma vida, dependendo das condições disponíveis por cada indivíduo há necessidade de se ter o gosto pela leitura que trará relevantes benefícios tornando o indivíduo agente ativo no processo de interação, socialização, criatividade e etc., por meio da diversidade de atividades aplicadas no processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, ler não deve ser algo que seja sofrível, mas algo prazeroso, emocionante, que auxilie o indivíduo no desenvolvimento de suas habilidades. Formar leitores competentes não é um sonho impossível de se concretizar, ele está cada dia mais real, motivar o prazer pela leitura não é uma das tarefas mais fáceis, todavia, é uma das mais gratificantes que se possa conquistar ao longo da carreira de leitor. Todo esse trabalho foi muito importante na ampliação de meus conhecimentos e desenvolvimentos, despertando-me para uma nova visão sobre a leitura.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Lisboa: Edições 70, 1974.
- BRASIL, Política para a formação de leitores. Uma proposta pedagógica. Documento preliminar. Brasília: MEC, 2005, 22 p . (mimeo).
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor alternativas metodológicas**. 2. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- CHARTIER, R. A. **A morte do leitor**. In: Revista Nexos: Estudos em comunicação e educação. Ano 4. N. 6/2000, de 1997.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. In: COSSON, Rildo; PAIVA, Aparecida. (Orgs.) **Literatura: Ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação. Sec. De Educação Básica, 2010.
- DALVI, M. A. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: DALVI, M. A.; REZENDE; N. L. de. JOVER-FALEIROS, Rita. **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Paírabola, 2013.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 7 ed. São Paulo, Cortez / Campinas, Autores Associados, 1996.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo, Ática, 2008.
- REVISTA MUNDO JOVEM, Maio 1999 (p. 67-19) e julho 2000 (p. 125-5)
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1998.
- CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização e Linguística** – São Paulo: Scipione, 2000.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e quarto ciclo de ensino fundamental. Língua Portuguesa. Brasileira: MEC/SET. 1998.
- KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes, 1993.
- KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1998.
- KOCH, I. V & ELIAS, V. M. **Ler e compreender – os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

PAULINO, M. G. R. **Letramento literário**: por vielas e alamedas. Revista da Faced, n.5. Salvador: Faced/ UFBA, 2001.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J.. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita**. São Paulo: Ática, 2010.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUSA, Maria Elisa; GOMES, José Antonio. **Ler é preciso?** A escola e a leitura. Centro de Formação dos Professores de Pombal. Secção Portuguesa do IBBY, 1994.

Governo do Estado da Paraíba
 Secretária Estadual da Educação e Cultura
 Escola Estadual de Ensino Fundamental de Demonstração de Alagoa Grande
 Rua: Ruy Barbosa, S/N – Centro – Alagoa Grande – Paraíba
 Fone: (0XX83) 3273-2315 / 3273-2628

MODALIDADE DE ENSINO – 2º AO 9º ANO
 ORIGEM DOS ALUNOS – ZONA URBANA E ZONA RURAL
 NÚMERO DE ALUNOS MATRICULADOS

TURMA	SÉRIE	QUANTIDADE
2º	ÚNICA	21
3º	A	19
3º	B	18
4º	A	26
4º	B	30
5º	A	33
5º	B	37
6º	A	25
6º	B	25
6º	C	26
6º	D	26
6º	E	25
7º	A	22
7º	B	21
7º	C	24
7º	D	24
8º	A	24
8º	B	24
8º	C	24
9º	A	26
9º	B	21

PROJETO DESENVOLVIDO: Leitura, escrita, noções matemáticas; meio ambiente; reciclagem; jardinagem; preservação cultura.

ALUNO (A)_____

SÉRIE:_____ **TURMA:**_____

DATA: _____

QUESTIONÁRIO (FECHADO) APLICADO AOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTLA I E II DA REDE ESTADUAL DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE – PB

QUESTÕES

- 1- Qual a importância da leitura para seu cotidiano escolar?
- 2- O que é conceito de leitura para você?
- 3- Quais os recursos usados por você durante a leitura?
- 4- Quantos vezes por semana você faz uso da leitura?
- 5- Qual o objetivo de praticar a leitura hoje?

RESPOSTAS: